

# PROSA & VERSO

[INSTITUIÇÃO][INSTITUIÇÃO][INSTITUIÇÃO]

## Academia para as letras

A oito meses de celebrar 110 anos, ABL mostra novo perfil, aberto para a sociedade

André Miranda

**E**m suas próprias palavras, Marcos Vinícios Vilaça tinha “medo físico de computador”. Assim, foi apenas no ano de 2000, por insistência de um de seus filhos e influência dos netos, que o presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL) passou a se aventurar no mundo tecnológico e se rendeu à internet. Apesar de um distanciamento inicial, porém, foi justamente ele, Vilaça, o responsável pela inserção da ABL no mundo virtual. De um site pouco acessado no passado, a instituição conta hoje com um portal que, inaugurado em junho, já teve mais de 300 mil visitantes e que transmite posses e seminários ao vivo.

As novidades na ABL, contudo, não param por aí. Os próprios seminários não aconteciam com a frequência que ocorrem hoje. Este ano, a programação cultural da Academia incluiu conferências com temas diversos como “Futebol e literatura brasileira”, “Razão e espiritualidade” e “Literatura e jornalismo”; mesas-redondas sobre Freud, “Grande sertão: veredas” e o voo do 14 Bis; e seminários sobre a culinária na literatura, a moda e a sociedade contemporânea, e ciência e literatura, por exemplo. Todos com entrada franca. A oito meses de celebrar seu aniversário de 110 anos, o perfil da Academia definitivamente mudou.

— A ABL não pode ser artesanal e se limitar àquele modelo extremamente conservador. Ela tem que se organizar para o contemporâneo e, para isso, deve se abrir para a sociedade. Mas sem vulgarizar — contou ao GLOBO um simpático Vilaça que, além de presidir a ABL há quase um ano, é ministro do Tribunal de Contas da União desde 1988 e acadêmico



MARCOS VILAÇA, presidente da ABL, diz que a instituição “não pode ser artesanal”

desde 1985. — Um imortal, certa vez, disse que a instituição se resumia a dois discursos: o que se faz na posse e o que não se ouve na despedida. Temos que mudar essa imagem. Até para confortar nossa vaidade, temos que ser reconhecidos. As pessoas não sabem que temos duas bibliotecas, uma cátedra em Oxford, uma editora de porte médio e um programa de música com concertos. Pensam que a Academia é um bando de velhos que se reúne na quinta-feira para tomar chá, esperando que um morra para

enfiar um fardão em outro e fazer um discurso. Ela não se resume a isso.

### Convite a Chico Buarque para se tornar acadêmico

A eleição do cineasta Nelson Pereira dos Santos, por exemplo, é, de acordo com Vilaça, um indicativo da mudança. Mas o presidente faz questão de ressaltar que a Academia não vai perder sua identidade.

— Não existe sociedade sem elites e a ABL é a elite do pensamento. Não há, nessa categoria, instituição brasi-

### A ABL em 2006

- **ABERTURA:** A conferência “Raízes populares da cultura brasileira”, do imortal Ariano Suassuna, de abertura do ano acadêmico, reuniu mais de duas mil pessoas, obrigando a ABL a instalar dois telões externos.
- **SEMINÁRIOS:** Foram realizados nove edições do Seminário Brasil, Bras, com temas como “A cultura mediática: persuasão e poder?” e “Arquitetura e urbanismo como expressão artística e bem-estar social”. Participaram 2.164 pessoas.
- **CONFERÊNCIAS:** Os dez ciclos de conferências incluíram temas como “fundadores da ABL” e “razão e espiritualidade”, com 1.783 participantes.
- **MESAS-REDONDAS:** Nas dez mesas-redondas de temas como os “80 anos de Ivo Pitanguy” e o “centenário de nascimento de Agostinho Silva”, houve 1.327 inscritos.
- **VISITAS GUIADAS:** Houve 101 visitas guiadas, com 3.465 pessoas.
- **PORTAL:** O portal da ABL foi inaugurado em 30 de junho. Desde então, 1,6 milhão de páginas foram visitadas por 326 mil pessoas.

“Academia Brasileira para as Letras”. Justamente pensando numa pluralidade da instituição, Vilaça revela que haveria espaço para personalidades como Oscar Niemeyer e Chico Buarque na ABL. Mas garante que não faz campanha, até por regra da Academia, enquanto não houver vagas.

— Niemeyer já disse que não gostaria porque não se considera escritor. O Chico, eu convidei há uns anos, mas ele fez uma revelação. Contou que seu pai (*Sergio Buarque de Holanda*) fez um acordo com o Erico Verissimo de nunca entrar na ABL depois que o Getúlio Vargas se tornou imortal. Chico disse, então, que não se sentiria bem em aceitar o título que seu pai recusou. Mas estamos homenageando, agora, o Sergio pelos 70 anos de “Raízes do Brasil” — afirma Vilaça, ao mesmo tempo batendo na madeira. — Só que, no momento, não há vagas e espero que não haja tão cedo.

### “É honroso administrar a ABL”, diz Vilaça

A próxima eleição para presidente da ABL está marcada para o dia 7 de dezembro. Depois de quase um ano à frente da instituição, Vilaça diz que a rotina o deixou cansado — ele vive dividido entre sua Recife natal, Brasília e o Rio. Perguntado, então, se pretende continuar, o atual presidente faz um instante de silêncio, mas não nega sua vontade.

— Acho que quero continuar, sim. Digo, sem pabulagem, e não sei se essa palavra se usa aqui, mas é muito usada em Pernambuco, que tenho recebido apoio de colegas para que eu continue. É honroso administrar a ABL. Das funções que eu exerci na vida, as que me deixaram mais feliz foram a presidência da ABL e a Secretaria de Cultura do governo Figueiredo, numa época que não existia ainda o Ministério — conta Vilaça. ■

leira mais importante do que a Academia — diz ele. — O Nelson tem dado uma contribuição fabulosa. Ele não é, sob um ponto de vista rigoroso, escritor, mas fez seus melhores filmes a partir de livros. Eu entendo a ABL como uma academia para as humanidades. Há lugar para um cientista da medicina como é Ivo Pitanguy; para um pensador como será o Celso Lafer; para um bibliófilo, como é o José Mindlin; e para lexicógrafos, como são Domício Proença e Evanildo Bechara. Eu entendo a ABL como uma